

Presidência da República
Arquivo Nacional

ACERVO

REVISTA DO ARQUIVO NACIONAL

RIO DE JANEIRO, v.12, NÚMERO 1/2, JANEIRO/DEZEMBRO 1999

© 2000 by Arquivo Nacional
Rua Azeredo Coutinho, 77
CEP 20230-170 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Presidente da República

Fernando Henrique Cardoso

Ministro-Chefe da Casa Civil

Pedro Pullen Parente

Diretor-Geral do Arquivo Nacional

Jaime Antunes da Silva

Editores

Cláudia Beatriz Heynemann, Oswaldo Munteal Filho e Maria do Carmo T. Rainho

Conselho Editorial

Adriana Cox Hollos, Alba Gisele Gouget, Maria do Carmo T. Rainho, Maria Esperança Rezende, Maria Isabel Falcão, Maria Izabel de Oliveira, Nilda Sampaio Barbosa e Sílvia Nínia de Moura Estevão

Conselho Consultivo

Ana Maria Camargo, Angela Maria de Castro Gomes, Boris Kossoy, Célia Maria Leite Costa, Elizabeth Carvalho, Francisco Falcon, Helena Ferrez, Helena Corrêa Machado, Heloisa Liberalli Belotto, Ilmar Rohloff de Mattos, Jaime Spinelli, Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, José Carlos Avelar, José Sebastião Witter, Léa de Aquino, Lena Vânia Pinheiro, Margarida de Souza Neves, Maria Inez Turazzi, Marilena Leite Paes, Regina Maria M. P. Wanderley e Solange Zúñiga

Edição de Texto e Revisão

José Claudio da Silveira Mattar

Pesquisa de Imagens

Cláudia Beatriz Heynemann e Maria do Carmo T. Rainho

Projeto Gráfico

André Villas Boas

Editores Eletrônica, Capa e Ilustração

Gisele Teixeira de Souza

Resumos

Flávia Roncarati Gomes

Reprodução Fotográfica

Flávio Ferreira Lopes, Marcello Lago e Sílvia Pente da Costa

Secretaria

Ana Teresa de Oliveira Scheer

Acervo: revista do Arquivo Nacional. —
v. 12, n. 1-2 (jan./dez. 1999). — Rio de Janeiro: Arquivo
Nacional, 2000.
v.: 26 cm

Semestral
Cada número possui um tema distinto
ISSN 0102-700-X

1. Historiografia - Brasil - I. Arquivo Nacional

CDD 981

S U M Á R I O

Apresentação

5

As Idéias e Noções de ‘Moderno’ e ‘Nação’ nos Textos de Capistrano de Abreu
Os *Ensaio e estudos*, 4ª série - comentários

Francisco José Calazans Falcon

27

Capistrano de Abreu e o Descobrimento do Brasil

Arno Wehling

37

O Achamento do Brasil e de Portugal

Perfil intelectual do historiador luso-brasileiro João Lúcio de Azevedo

Antônio Edmilson Martins Rodrigues

67

Vitorino Magalhães Godinho no Labirinto Ultramarino

As frotas, as especiarias e o mundo atlântico

Oswaldo Munteal Filho

89

Joaquim Nabuco e um Novo Olhar sobre a Nação

Maria Emília Prado

107

A Propósito de uma “Construção Interrompida”

José Luís Fiori

129

Consciência e Realidade Nacional

Notas sobre a ontologia da nacionalidade de Álvaro Vieira Pinto (1909-1987)

Norma Côrtes

147

A Epopéia Portuguesa

A origem filosófica dos Descobrimentos na historiografia luso-brasileira

Claúdia Beatriz Heynemann

169

Religião, Cordialidade e Promessa

O catolicismo em *Raízes do Brasil e Monções*, de Sérgio Buarque de Holanda

Robert Wegner

187

A Forma Excessiva da Falta

Retórica nacionalista e pensamento plástico

Vera Beatriz Siqueira

199

Cornélio Pena

Notas para um estudo

Rogério Luz

213

Perfil Institucional

Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)

217

Resenha

Homenagem a Francisco Iglésias

Maria Yedda Leite Linhares

223

Bibliografia

A P R E S E N T A Ç Ã O

Este é um número especial da revista *Acervo*, dedicado aos intelectuais brasileiros e portugueses que, por meio de suas obras, nos possibilitam uma reflexão profunda não apenas sobre esses 500 anos que acabamos de completar, mas, sobretudo, sobre os horizontes que vão permear as discussões acerca da nossa história e do nosso passado comum no próximo milênio. Escritas do Brasil, porque muitos textos, traços e vozes se confrontaram ao longo desses séculos, enfrentando-se e disputando a fórmula do que seria a Nação, agenciando seus antecedentes históricos e signos, sua origem americana ou ibérica e privilegiando o meio natural ou a cultura em uma reflexão que é sempre sobre o presente. O Brasil inscreve-

se nas obras de síntese, nas produções ensaísticas, nos movimentos artísticos e literários que, a partir do oitocentos, definem um personagem, o intelectual brasileiro. No outro lado do Atlântico, talvez movidas pelo processo inverso, realizam-se as leituras portuguesas sobre a expansão marítima e o mundo colonial que, igualmente, constroem uma história contemporânea.

A análise da obra desses intelectuais configura um instrumento fundamental para os estudantes de graduação e pós-graduação, em diversas áreas do conhecimento nas ciências humanas. Vale lembrar que Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Gilberto Freire, Oliveira Viana e outros não aparecem aqui diretamente, entretanto com-

põem o debate, dialogam com os textos apresentados. Postulamos, nesta reunião imaginária, um ensaio sobre a escrita do Brasil.

Capistrano de Abreu, historiador que ocupa um lugar ímpar na historiografia brasileira, está presente nos dois artigos que abrem este número da revista. O texto de Francisco Falcon toma por base *Ensaios e estudos* – 4ª série, obra composta por escritos redigidos entre 1876 e 1904/1905, para discutir as idéias de ‘moderno’ e ‘nação’ na produção historiográfica brasileira à época do cientificismo. Falcon aborda, com muita propriedade, o que era o ofício de historiador para Capistrano, revelando que nesses ensaios não estavam separados o rigor da exposição histórica da crítica documental e da erudição. O artigo de Arno Wehling, por sua vez, percorre diversas obras de Capistrano, para analisar os procedimentos metodológicos adotados pelo autor em sua reflexão sobre o descobrimento do Brasil. Arno ressalta que as conclusões de Capistrano não envelheceram, pelo contrário, continuam a revelar caminhos possíveis de investigação.

A seguir, os artigos de Antônio Edmilson Martins e Oswaldo Munteal enfocam a obra de dois grandes historiadores portugueses, respectivamente João Lúcio de Azevedo e Vitorino Magalhães Godinho. O texto de Edmilson constitui um belo retrato de João Lúcio, revelando aspectos biográficos – inclusive a sua passagem pelo Brasil – e sua trajetória intelectual,

ressaltando a variedade de temas desenvolvidos por ele. Esse artigo, aliás, aproxima João Lúcio de Capistrano, delegando ao primeiro um papel de intermediário entre Capistrano e os arquivos portugueses, tendo sido João Lúcio responsável pela pesquisa a documentos que enriqueceram as interpretações do historiador brasileiro. No artigo de Oswaldo Munteal percebemos como Vitorino Magalhães Godinho revolucionou a historiografia portuguesa com relação aos descobrimentos, ao tratar da história das frotas e dos metais amoedáveis, das rotas ultramarinas e das especiarias do Oriente e da América. Oswaldo parte da obra de Vitorino para enfatizar que, quinhentos anos depois, tanto o Brasil como Portugal necessitam acertar contas com a nossa memória coletiva elaborando um inventário dos marcos conceituais que possam caracterizar uma historiografia dos povos de língua portuguesa.

O texto de Maria Emilia Prado revela uma face original do pensamento do estadista brasileiro Joaquim Nabuco, ao focar o programa de reformas presente no conjunto de suas reflexões. ‘Olhar’ sobre a nação, neste caso, não constitui um artifício retórico, mas representa um esforço de compreensão da singularidade do pacto social à brasileira. Deve-se ressaltar, ainda, que o debate em torno das idéias políticas no Brasil do século XIX ganha uma nova contribuição.

Pensar os descobrimentos à luz da filosofia representa um desafio para os histori-

adores. Cláudia Beatriz Heynemann revê o problema das viagens, partindo de duas coordenadas centrais: em primeiro lugar surpreende o leitor caracterizando o mundo moderno, e utiliza-se dele como fonte e razão de ser da inovação, num diálogo entre antigos e modernos. Num segundo momento, Cláudia busca um outro sentido para a palavra descobrir. Faz uma análise da historiografia brasileira contemporânea, e para isso recorre a uma verdadeira genealogia da cultura brasileira.

Norma Côrtes desenrola o fio isebiano através da obra de Álvaro Vieira Pinto. A autora sinaliza para a tradição intelectual comprometida com a questão nacional, revelando as influências do pensamento ocidental em revista. A erudição de Vieira Pinto se imbrica com a sede de interpretação do Brasil, presente na década de 1950. Norma não cede à tentação da explicação fácil, e vai além, proporcionando uma etimologia do pensamento do ISEB. José Luís Fiori apresenta um dos estudos mais densos e analíticos deste número da nossa revista. Pode-se perceber o encontro de dois pensamentos: o de Celso Furtado e o do próprio Fiori. O texto é uma ferramenta para a compreensão do pensamento econômico brasileiro contemporâneo. A reflexão sobre o desenvolvimento econômico realimenta o debate atual acerca da crise do Estado e do processo de despolitização dos mercados.

Nos artigos de Robert Wegner, Rogerio Luz e Vera Beatriz Siqueira, encontramos o

tema, por caminhos diversos, de formas de compreensão da arte e da cultura brasileiras que resistem, buscando a expressão de uma interioridade – religiosa, estética, espacial – às reduções inerentes ao modelo historicista e ao padrão modernista de nacionalidade. Assim, a análise de Wegner sobre o pensamento de Sérgio Buarque de Holanda discute a especificidade do catolicismo brasileiro por meio do conceito de cordialidade, e o faz na clave das inflexões weberiana e nietzschiana que figuram na obra daquele autor e que particularizam sua participação modernista. Vera Beatriz Siqueira assinala a imposição de uma ‘brasilidade inventada’ no modernismo de Mário de Andrade ou de Oswald de Andrade e a concretização espacial dessa origem nos monumentos barrocos, no passado colonial. A questão da autonomia da arte afirma-se nas experiências que, a partir da década de 1950, parecem se opor à síntese modernista, encaminhando a proposta da autora, de resistência à sintetização do fato estético. Irredutível às classificações tradicionais é, também, a obra do escritor Cornélio Pena, que, na análise de Rogerio Luz, escapa à intenção de inseri-lo na “história do romance brasileiro”. Aqui também encontramos a idéia de uma falta, incompletude inerente à obra literária, que pode ser lida na construção plástica de espaços “sem profundidade real, sem ilusionismo naturalista”, na forma da narrativa e na inacessibilidade de uma realidade objetiva, nas quais há uma “promessa de alma e de Brasil que se

estiola nos vilarejos e nas fazendas”.

O perfil institucional é dedicado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, criado por Sérgio Buarque de Holanda em 1962 e especializado em ensino, pesquisa e documentação na área de historiografia e cultura brasileiras.

Fechando a revista, uma inovação. A partir deste número estaremos publicando uma seção dedicada a resenhas, preferencialmente de livros relacionados com o

tema enfocado. O texto da professora Maria Yedda Linhares sobre *Historiadores do Brasil*, de Francisco Iglésias, mais do que uma resenha, constitui um emocionante depoimento sobre aquele que, nas palavras da autora, era “integrado no seu tempo, no seu mundo.” Para nós, editores, é uma oportuna homenagem póstuma a um membro do nosso Conselho Consultivo.

Ao professor Emmanuel Araújo, criador da revista *Acervo*, falecido neste ano, dedicamos este número.

Os editores